

Prefácio:

Os faunos e as ninfas que Eugénio amou¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Eugénio de Andrade, *Os afluentes do silêncio*, poesia contemporânea, crónicas

Keywords: Eugénio de Andrade, *Os afluentes do silêncio*, contemporary poetry, chronicles

No volume *Os Afluentes do Silêncio*, Eugénio de Andrade reúne cerca de quatro dezenas de crónicas, homenagens e memórias breves, escritas ao longo de décadas. Por causa de tal dispersão genérica e cronológica, o autor confessa, na nota introdutória, que este livro não lhe agrada. Contudo, no jogo de fingimento que é a poesia, habituei-me a desconfiar dos próprios escritores, sobretudo quando frontalmente diminuem a sua obra. Será este volume tão eclético e descombinado quanto uma manta de retalhos? De forma alguma. À medida que prosseguia a leitura de *Os Afluentes do Silêncio*, detetei uma estrutura intencional e bipartida, que agrupa as crónicas de acordo com o conteúdo. Os dois grandes temas abordados são as *pessoas* (escritores, pintores e músicos) e os *lugares* (sobretudo Porto, Coimbra e Lisboa) que marcaram a vivência e, concomitantemente, a obra de Eugénio.

Assim, o volume que o leitor agora folheia é fundamental para conhecer os autores ou afluentes que desaguaram no rio da poesia eugéniana, as águas que se misturaram com a sua, enriquecendo o caudal de versos no plano do estilo, temas e conteúdo. Estas crónicas permitem perceber com mais profundidade a poesia de Eugénio e, ao mesmo tempo, sugerem novas interpretações, sobretudo no plano intertextual. Para qualquer jovem poeta, constituem também um catálogo de sugestões de leitura imprescindíveis e provam, como afirmava o lexicógrafo Samuel Johnson, que “a maior parte do tempo de um escritor é gasto a ler para escrever. Um homem virará do avesso meia biblioteca para fazer um livro”. Por essa razão, nos cursos de Escrita Criativa que leciono, aconselho sempre os alunos a lerem esta obra e também as entrevistas e memórias que Eugénio recolheu em *À Sombra da Memória e Rosto Precário*.

Por outro lado, o livro *Os Afluentes do Silêncio* apresenta um interesse simultaneamente biográfico e histórico, porque Eugénio travou contacto ou amizade com vários dos autores e artistas plásticos que menciona. Assim, através de anedotas (no sentido grego do termo) e

¹ Mancelos, João de. “Os faunos e as ninfas que Eugénio amou”. *Os afluentes do silêncio*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. 11-21. ISBN: 978-972-37-1704-4.

memórias, o poeta descreve algumas das figuras ímpares das artes e letras do século XX. Graças ao estilo colorido, traz à vida e faz desfilar por estas páginas o Prémio Nobel da Literatura Vicente Aleixandre, Miguel Torga, Jorge de Sena ou Júlio Resende. Um dos mais impressionantes retratos é o de Teixeira de Pascoaes, pintado nestes termos: “O Pascoaes que eu conheci, já velho, é certo, era magnífico e luminoso: espontâneo e simples como as crianças, mas também terrível e acusador como um profeta do Velho Testamento. A sua presença era inquieta e feliz, não deixando nada em sossego, em nome da verdade”. Paralelamente, Eugénio narra episódios caricatos, reveladores da personalidade deste ou daquele escritor ou artista plástico. A propósito do desprendimento de Pascoaes relativamente a coisas comuns, recorda: “Um dia, o Vigo [Thelen], que vivia então em casa de Pascoaes, encontrou no chão uma fatura importantíssima e, para ver no que aquilo dava, pregou-a à entrada da sala de jantar. Entraram outras pessoas da casa, pararam, olharam a fatura, e sentaram-se. Veio depois o poeta, parou, leu o papel, e sentou-se à mesa. E Vigo acrescentou, a rir: Não tive outro remédio senão arrancar eu próprio a fatura, no dia seguinte”. A imagem que nos transmite nestes textos, porque subjetiva e em primeira mão, torna-se mais *verdadeira* do que a apresentada nas histórias da literatura, tantas vezes impessoais e empalidecidas pelo tempo.

O mais interessante nas crónicas de *Os Afluentes do Silêncio* é que revelam ao leitor a aprendizagem longa, mas prazerosa, da poesia — graças ao contacto direto com escritores de várias nacionalidades, ou através da leitura atenta e crítica dos seus versos. É curioso verificar que, por vezes, a descoberta de um poeta ou de um livro essencial resultou de um feliz acaso ou golpe do destino. Eugénio revela como encontrou um dos escritores que mais estima literária lhe mereceram, Camilo Pessanha, neste excerto: “Uma tarde, no intervalo das aulas, fui, como costumava, estudar para o Jardim da Estrela. No banco em que me sentei estava um papelito dobrado; pensei ser um bilhete de namoro, mas enganei-me: era uma pequena e seletiva lista de livros de poesia a comprar ou a ler. Conhecia-os a todos, exceto um, de nome misterioso, como escrito numa língua estrangeira: *Clepsydra*. Não demorei muito tempo a passar pela Barateira, um alfarrabista que havia em Lisboa, e que eu frequentava, pois já então tinha o hábito de gastar em livros todo o dinheiro que me davam”.

Noutras ocasiões, o encontro com a poesia deu-se graças amigos, em conversas de circunstância ou na partilha dos pequenos prazeres da leitura. Por exemplo, Eugénio teve a oportunidade de travar contacto com a obra de um dos nomes incontornáveis das letras espanholas, aquando da passagem por Portugal do célebre bailarino Pepe Montes: “A ele devo a revelação de Federico García Lorca, esse momento único em que a poesia se faz carne e é como a anunciação da felicidade. (...) Nessa idade, estava naturalmente predisposto a participar do bruxedo, a receber no sangue a voz do próprio sangue, o sol e a lua, a alegria e a pena da

Ibéria. Por isso fiquei deslumbrado com a resposta de Pepe: “Sí, hombre! Fui um dos maiores amigos de Federico”. Esta descoberta — diria mesmo *epifania* — da obra lorquiana influenciou o jovem Eugénio ao ponto de este traduzir para a nossa língua uma série de poemas do malogrado escritor andaluz.

Os versos do autor de *Romancero Gitano* entreabriram-lhe as portas para o universo rico e antigo da poesia espanhola, que Eugénio continuaria a explorar, lendo e relendo San Juan de la Cruz, o patrono dos poetas de língua espanhola, Antonio Machado e Luís Cernuda, entre tantos outros. São afluentes que desaguaram na sua poesia, agitando e renovando águas cada vez mais diversas.

Outras vezes, o autor procurou, diligentemente, a poesia dos mestres, em alfarrabistas, bibliotecas ou nas estantes de amigos. A descoberta da variedade heteronímica de Fernando Pessoa assumiria um particular destaque, quase perturbador, entre os achados de Eugénio: “Nos finais dos anos trinta, tinha eu então dezasseis anos, passava as tardes na Biblioteca Nacional a copiar para caderninhos escolares poemas de um homem que alguns raros tinham como figura central da nossa modernidade, e apenas publicara a sua obra, salvo poucas exceções, em revistas já por aquela altura raríssimas. (...) Foi o começo de um fascínio que, apesar de atenuado, ainda não se extinguiu”.

Prova deste afeto, Eugénio homenageia Pessoa no poema que tem por título as suas iniciais, “F.P.”; cita-o na belíssima composição “Com um verso da Ceifeira”; e transforma o seu heterónimo Álvaro de Campos em personagem no poema em prosa “O Rapazito de York”. Esta influência foi de tal forma magnética e desconfortável que Eugénio teve de voltar costas ao criador dos heterónimos, esse pai bloomiano, que tanto prazer e ansiedade lhe causou. Só longe da fonte poderia encontrar a voz das suas próprias águas, isto é, o estilo poético, despojado e rigoroso, que cultivou ao longo de décadas.

Entre os autores que mais o influenciaram, e que gratamente homenageia, Eugénio destaca: “Pessoa, Pessanha, Cesário, Camões — e agrada-me citá-los assim a contrapelo — foram sempre para mim os nomes supremos da poesia de língua portuguesa”. Esqueceu-se de inscrever aqui outra presença, profunda e radical: Walt Whitman, o bardo norte-americano, que *assombrou* — no duplo sentido de *apaixonar* e *escandalizar* — a sociedade do seu tempo, com versos capazes de celebrar euforicamente a sexualidade, o corpo e os sentidos. A propósito dele, em *Rosto Precário* Eugénio afirma, sem reservas: “Curiosamente, em Whitman não foi só a poesia que me seduziu, foi também a personalidade, que é inseparável de quanto o poeta escreveu, naturalmente”.

É compreensível, este fascínio: como permanecer indiferente ao escritor adâmico e telúrico que tanto influenciou Álvaro de Campos e Lorca, ao ponto de estes lhe dedicarem os

poemas “Saudação a Walt Whitman” e “Ode a Walt Whitman”? Ao bardo da democracia fraterna, que convidava para a sua mesa, em pé de igualdade, homens e mulheres, brancos e negros, doentes e escravos? Ao filho de Manhattan, que acreditava vislumbrar a imensidão do universo numa singela folha de erva? Não surpreende que Eugénio tenha invocado afetuosamente esta figura das letras universais em poemas como “Mediterrâneo”, “Walt Whitman e os Pássaros”, “O Rapazito de York”, “Carne de Amor” ou “Washington Square”. Afinal, apesar de residirem em margens opostas do Atlântico, e de terem vivido em séculos diferentes, ambos pugnaram pela unidade entre o ser humano e a natureza, pela dignificação dos prazeres sensuais, nunca inferiores aos do espírito, e por uma sociedade mais igualitária.

Ao longo de décadas, Eugénio enriqueceria o caudal da poesia com os afluentes vindos das mais diversas paragens e tradições literárias: do Japão, Matsuo Bashô; da Grécia, Homero, Safo, e Konstantínos Kaváfis; da Velha Albion, William Blake e William Shakespeare; do outro lado do Atlântico, um mestre da palavra e da busca da originalidade, Wallace Stevens. Basta ler *Homenagens e Outros Epitáfios* ou *Rente ao Dizer*, este último carregado de influências intertextuais, para verificar que autores povoaram as prateleiras da sua biblioteca. Como a gralha de Stevens, também Eugénio colheu, aqui e além, ideias e versos, para construir um ninho singular, transformando o alheio em seu, o velho em novo, a sombra em luz. E não residirá a originalidade da escrita, afinal, neste trabalho de apropriação e recriação, dentro da teia infinita das influências?

Tais alusões a livros e autores estimados provam que a obra de Eugénio é epígona, no sentido de receber, abraçar ou rejeitar influências. A sedução que os escritores passados e presentes exercem sobre qualquer autor, sobretudo na juventude, é resumida de forma eloquente em *Rosto Precário*: “cada artista tem a sua árvore genealógica, se não estiver enganado de pai ou de mãe. (...) E ao inserir-se numa tradição, seja ela qual for, prosseguindo-a, ou renovando-a, ou transgredindo-a, o poeta torna-se responsável perante a sua língua por essa coisa cada vez mais rara: a transparência do mundo”.

Contudo, gostaria de salientar que *Os Afluentes do Silêncio* é muito mais do que um volume de reconhecimento e homenagem a “autores fortes” — peço emprestada a expressão a Harold Bloom. Constitui também um livro precioso para compreender a arte poética de Eugénio, porque menciona os aspetos que este mais valoriza. Sinteticamente, destaco o elogio do labor de depuração, maior do que o rasgo inspirador, sempre passageiro e falacioso. A este propósito, Eugénio argumenta: “antes que cante, o pássaro solar que todo o artista tem dentro de si exige uma longa, infinita paciência”. Concomitantemente, o poeta defende o rigor do *mot juste*, isto é, a escolha da palavra mais acertada, pelo seu valor semântico e musical. Tal como

Mark Twain, também ele poderia afirmar que “A diferença entre a palavra certa e a palavra errada é a diferença entre o relâmpago e o pirilampo”.

É sintomático que Eugénio elogie nos escritores diletos exatamente os aspetos que releva na sua obra, legitimando, assim, um *fazer poético*, ao mesmo tempo, singular e plural. Por exemplo, ao referir-se à poesia e prosa de Carlos de Oliveira, afirma entusiasticamente: “Esta obsessão pelo rigor, este minucioso trabalho de abelha, esta arte cujo empenho mais árduo é ser aprendizagem permanente, é o que mais gostamos nele. Foi assim que, graças ao seu ‘trabalho de plaina’, certa declamação espúria e algumas apóstrofes cívicas foram ficando pelo caminho, e se erguem à altura dos nossos olhos as cintilações e os frémitos da poesia última”.

Parece-me interessante verificar que este gosto pelo despojamento, pelo menos que é mais, como defendia o arquiteto Mies van der Rohe, se estende da literatura à pintura. A propósito da paisagem alentejana, que se espraia na pintura de Armando Alves, o autor releva precisamente as qualidades que enaltece na escrita depurada: “Estas formas puras, sóbrias de linha e de cor, que vão da paisagem à arquitetura, da arquitetura ao vestuário, do vestuário ao canto, são a expressão de um espírito terreno, cioso de limpidez, capaz da suprema elegância de ser simples. *Povertá* é talvez a palavra ajustada a uma estética alheia ao excesso, ao desmedido, ao espetacular”.

Estas palavras de amor à pintura não surpreendem, porque Eugénio, para além de poeta, foi também um aquarelista e um apreciador de arte com notável gosto, privando com artistas plásticos, fotógrafos e arquitetos de renome. Destaco, sem ser exaustivo, Júlio Resende, Dario Gonçalves, Augusto Gomes, Eduardo Gageiro, José Rodrigues, Emerenciano ou Sisa Vieira. Alguns desenharam ou pintaram o poeta, oferecendo-lhe, posteriormente, os seus trabalhos; em *Os Afluentes do Silêncio* ocorre o processo inverso, pois cabe a Eugénio retratar alguns deles. Por exemplo, acerca do escultor e artesão Manuel António Capelins, escreveu estas linhas de um lirismo sóbrio, mas expressivo: “É um homem seco — as migas gatas, a sopa de cebola ou um gaspacho onde o azeite mal aflora não ajudam muito as carnes — alto, mas não muito, quase jovem, de rosto enxuto e uns olhos inteligentes e graves à tona, onde a alegria surge de súbito como o canto rompe dos lábios. Dos lábios? Não, aqui tudo vem de mais longe, ou de mais fundo, como quiserem. É das entranhas que tudo sai no Alentejo: o pão e a música, o sol e a água, a poeira e o luar”.

Ao ler as palavras de Eugénio é inevitável associar o homem ao lugar, neste caso, Manuel António Capelins e o Alentejo, como se o artesão fosse, mais do que um resultado do meio ambiente, um prolongamento e uma expressão da própria paisagem, enfim, um génio do lugar. Esta descoberta do espírito dos espaços rurais, marítimos ou urbanos, nacionais ou estrangeiros, constitui uma dos temas mais importantes da escrita radical do autor. O seu talento

desabrocha nessa capacidade singular de, em escassas linhas ou poucos versos (por vezes, lembrando a estética do haiku), apreender o *genius loci* de uma aldeia, bairro, cidade ou jardim. Por vezes, basta um pormenor para transmitir euforicamente a essência subjetiva de um espaço, quase como uma polaroide, à maneira dos imagistas da escola de Ezra Pound.

Na segunda metade de *Os Afluentes do Silêncio*, o escritor presta tributo a cidades onde viveu, por razões profissionais ou outras, com destaque para a Lisboa da juventude, Coimbra e Porto, onde residiu, na Rua do Passeio Alegre. O amor pela cidade invicta perpassa menos pela sua poesia, para se afirmar sobretudo através da prosa, em antologias como *Daqui Houve Nome Portugal* e *A Cidade de Garrett*, com belíssimos desenhos de Fernando Lenhas. Em *Os Afluentes do Silêncio*, Eugénio regista em várias crónicas a sua descoberta, por vezes encantada, da capital nortenha. A impressão inicial que teve do Porto é partilhada nestas linhas rente à poesia: “visitei o Porto pela primeira vez, num entardecer já distante, ali, no terreiro do Convento da Serra, fascinado por todo aquele casario que se derramava às golfadas no Douro, as fachadas roídas pelos dias húmidos e viscosos, onde uns restos de sol fulguravam nas janelas e nos telhados, e as torres mais hirtas pareciam recuar na noite que principiava a cair”. Estas linhas provam bem que os poetas maiores não se limitam a escutar o espírito dos lugares; através do seu canto, tornam-se o génio que encarna o espaço e lhe dá sentido.

Vítima do sarcasmo de Camilo Castelo Branco, da ironia da Almeida Garrett, do pessimismo de Eça de Queirós, do desapego de António Nobre, o Porto também mereceu palavras amargas de Eugénio, como o leitor não deixará de notar nestas crónicas. No entanto, com o passar dos anos e através do olhar de amigos como Dario Gonçalves, o poeta ir-se-á apaixonando: “o Dario trouxe-me uma cidade que eu nunca vira, uma cidade à medida dos seus olhos, muito mais frescos e deslumbrados que os meus. Casas, igrejas, torres, tudo tinha uma aura afetiva que os tornava gloriosos até na sua humildade. Onde são estas escadas? Onde fica este palácio? De onde se avistam estes telhados? — ia eu perguntando, entre surpreendido e fascinado”. Crónica a crónica, este fascínio é partilhado com os leitores, numa prosa tão próxima à poesia, porque cuidada, metafórica e profundamente subjetiva.

Dizia Salmon Rushdie, numa das entrevistas que concedeu à televisão, que a literatura é um rio composto pelas águas de verdade e as águas de mentira, pelos factos e pelas ficções, por vezes, indestrinçáveis. As crónicas de *Os Afluentes do Silêncio* constituem uma prova plena dessa capacidade de assimilar e transformar, com imaginação, pessoas, ideias e espaços. São também águas vivas onde se reflete o rosto de um poeta maior, ao longo de décadas. Sempre fiel às amizades fraternas, mas sensível a beliscaduras; desapegado do poder político, porém interventivo; indiferente a bens materiais, contudo grato pela partilha de poemas, pinturas e canções; cidadão do mundo, sem deixar de ser de Póvoa de Atalaia ou do Porto — Eugénio é tão

singular e autêntico quanto a sua obra. O tempo saberá recordar este homem com coração de pássaro.

Resumo

No volume *Os Afluentes do Silêncio*, Eugénio de Andrade reúne cerca de quatro dezenas de crónicas, homenagens e memórias breves, escritas ao longo de décadas. Os dois grandes temas abordados são as *pessoas* (escritores, pintores e músicos) e os *lugares* (sobretudo Porto, Coimbra e Lisboa) que marcaram a vivência e a obra de Eugénio. Neste prefácio, analiso os temas, a importância e conteúdo do livro, fundamental para conhecer os autores ou afluentes que desaguaram no rio da poesia eugeniana, enriquecendo os seus versos.